

Caminho de pedras marcadas por mistérios



SUBIDA

Empresários querem treinar guias para levar visitantes à montanha ainda neste inverno, contando como foi a corrida de garimpeiros atrás de riquezas; os moradores da região levantam a possibilidade dos desenhos terem sido feitos por indígenas

Várias gravuras cravadas na pedra do Morro do Campo Nativo, em Domingos Martins, despertam a curiosidade de pesquisadores; há histórias de um tesouro escondido

ADEMAR POSSEBOM

Desenhos cravados na pedra do alto do Morro do Campo Nativo, em Domingos Martins, fazem surgir histórias do tempo do Império e despertam a curiosidade de pesquisadores. A montanha ficou conhecida pela existência de uma gruta onde teria sido escondido um tesouro de jesuítas, mas agora os moradores da região levantam a possibilidade dos desenhos terem sido feitos por indígenas.

As marcas, espalhadas pelos

trechos onde a pedra não está dido na gruta pelos religiosos. Eles teriam passado perto dali, vindos Minas Gerais, quando foram expulsos pelo Marques de Pombal, em 1759. Depois de esconder as preciosidades de piratas, teriam marcado a pedra para quando retornassem.

Sem potencial

O local já é visitado há muitos anos por alguns interessados no

tesouro, mas as marcas na pedra não foi encontrado potencial turístico nas gravuras.

Ao ver as fotografias de A GAZETA, o antropólogo Celso Perota afirmou que ainda é cedo para dizer se elas teriam sido feitas por civilizações antigas, mas demonstrou interesse pela região. "Só indo para saber. Algumas parecem que foram feitas pela ação do tempo, mas outras são realmente fascinantes. A que se parece com uma água poderia até mesmo ser

tor rural José Armando Pizzol afirma que seu avô, que mudou-se para a região há quase 100 anos, conheceu garimpeiros à procura do tesouro que utilizavam as marcas para buscar o esconderijo, mas acredita que as pedras foram cravadas por índios.

Histórias

"A rota dos jesuítas não passava por ali, então aquilo não foi feito por eles. Eles passaram mesmo

portagem sobre pinturas indígenas em cavernas chilenas", afirmou Pizzol, que também lembra-se de histórias sobre a existência de índios Puris há menos de um século atrás.

Outras pessoas, porém, afirmam que são marcas deixadas pelos jesuítas para marcar onde o tesouro ainda estaria escondido. Esse é o caso de Matuzalém, um garimpeiro de cerca de 40 anos que viveu oito anos na caverna do morro em busca de moedas de ouro. Ele — que morou na gruta até o

do tempo do Império e despertam a curiosidade de pesquisadores. A montanha ficou conhecida pela existência de uma gruta onde teria sido escondido um tesouro de jesuítas, mas agora os moradores da região levantam a possibilidade dos desenhos terem sido feitos por indígenas.

As marcas, espalhadas pelos trechos onde a pedra não está coberta pela vegetação, têm o formato de pássaros, lagartos e estrelas – mas há quem diga que uma é o mapa do tesouro escondido.

vindos Minas Gerais, quando foram expulsos pelo Marquês de Pombal, em 1759. Depois de esconder as preciosidades de pedras, teriam marcado a pedra para quando retornassem.

Sem potencial

O local já é visitado há muitos anos por alguns interessados no tesouro, mas as marcas na pedra ainda não foram estudadas pela Prefeitura de Venda Nova do Imigrante, uma das duas cidades que têm o morro como divisa. De acordo com o secretário municipal de Turismo, Jorge Uliana,

Ao ver as fotografias de A GAZETA, o antropólogo Celso Perota afirmou que ainda é cedo para dizer se elas teriam sido feitas por civilizações antigas, mas demonstrou interesse pela região. “Só indo para saber. Algumas parecem que foram feitas pela ação do tempo, mas outras são realmente fascinantes. A que se parece com uma água poderia até mesmo ser a marca de um fóssil”, afirmou.

Mesmo quem mora no pé da montanha e sabe das histórias há mais de 50 anos ficou impressionado quando finalmente encontrou as marcas na rocha. O produ-

tor para a região há quase 100 anos, conheceu garimpeiros à procura do tesouro que utilizavam as marcas para buscar o esconderijo, mas acredita que as pedras foram cravadas por índios.

Histórias

“A rota dos jesuítas não passava por ali, então aquilo não foi feito por eles. Eles passavam mesmo pelo alto dos morros, para fugir dos mosquitos das baixadas, mas não chegavam tão alto. Acredito que tenham sido os índios que colonizaram a região, pois já vi figuras parecidas com essas numa re-

de índios Puris na menção de um século atrás.

Outras pessoas, porém, afirmam que são marcas deixadas pelos jesuítas para marcar onde o tesouro ainda estaria escondido. Esse é o caso de Matuzalém, um garimpeiro de cerca de 40 anos que viveu oito anos na caverna do morro em busca de moedas de ouro. Ele – que morou na gruta até o ano passado – acreditava que alguns desenhos eram do mapa da mina e fez perfurações de quase quinze metros de comprimento.

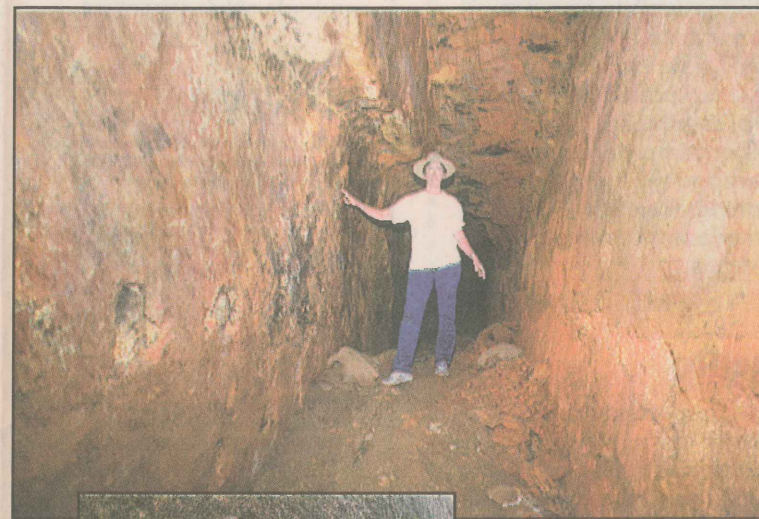
Empresários apostam no turismo local

Com a redescoberta das marcas na pedra do Morro do Campo Nativo, em Domingos Martins, os empresários do turismo da região projetam uma rota para quem busca muito mais do que aventura e beleza. Eles querem treinar guias para levar visitantes à montanha ainda nesse inverno.

“Vamos juntar a história da região, as belezas naturais, os nossos serviços e as lendas em torno da montanha. Vai ser um atrativo a mais para quem busca essa opção em outros Estados. Queremos mostrar as belezas escondidas nas serras capixabas”, afirmou o empresário Olimar José Peterle, um dos membros da Associação Turística de Pedra Azul (ATPA).

Na última quarta-feira, a reportagem de A GAZETA acompanhou uma comitiva da ATPA que foi até o local para estudar maneiras de explorar o turismo sem alterar a reserva de Mata Atlântica. Além de visitas com guias especializados, os empresários já estudam a construção de um roteiro turístico para toda a região que incorpore a visita aos desenhos na pedra e à gruta dos garimpeiros.

“Esses desenhos podem se tornar mais um atrativo para os nossos turistas. Só de ouvir falar, um alpinista de São Paulo que esteve na região na semana passada prometeu voltar com mais tempo para conhecer os mistérios da montanha”, afirmou a empresária Ana Julia Girardi.



MARCAS

Na seqüência, da esquerda para a direita, uma das figuras mais evidentes é a de um beija-flor; outro destaque é a galeria que teria sido feita por quem escondeu o tesouro. Sobre a pedra, há também o desenho de uma estrela colorida, e a cruz cravada na entrada da gruta reforça a lenda da passagem dos jesuítas

Sítio arqueológico está ameaçado

O Parque Nacional da Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato, Pernambuco, sofre ataques de um crime cometido por um vilão invisível: o descaso! Desenhos do homem pré-histórico também são encontrados fora do parque, fora da proteção dos fiscais.

O crime são os vestígios do homem moderno, como um acampamento em pleno sítio arqueológico. As imagens de depredação mais fortes são pichações, do mesmo lado da rocha onde estão as figuras pré-históricas. E bem próximo, duas imagens, que lembram dois veados, começam a ser cobertas por uma poeira escura, provocada pela queima de pneus.

O parque também corre o risco de ficar assim por falta de verba. Os recursos prometidos pelo governo federal nunca chegaram. “Este parque, que tem hoje essa infra-estrutura, que é a melhor da América Latina, está conservadíssimo, cheio de animais, seja abandonado e acabe sendo depredado”, alerta Niède Guidon, que descobriu o lugar na década de 70 e o protege até hoje.

A fundação que administra o parque conseguiu sobreviver com patrocínios e parcerias até a última sexta-feira, quando os 79 funcionários do parque foram avisados da demissão. Os mais antigos vestígios da arte humana estão nessa região, considerada patrimônio cultural da humanidade. “Não existe nenhum lugar no mundo onde ocorra isso”.

Como chegar

O Morro do Campo Nativo fica na localidade de São José de Barcelos, em Domingos Martins, a 111 quilômetros de Vitória, depois de 97 quilômetros pela BR 262 e outros 14 pela estrada do Peçanha, com outros dois quilômetros e meio à direita da Fazenda do Estado

Quem vem de Venda Nova do Imigrante deve seguir pela Serra do Engano, mas o acesso é um pouco mais complicado, pois quem não conhece o local pensa que a subida não termina nunca. Ao final da estrada, seguem os dois quilômetros e meio para a Fazenda do Estado



Outras atrações

- Existe uma ampla área de Mata Atlântica preservada e, ao redor de tudo, uma vista de frente (e à altura) da
- 1 **Pedra Azul**, que tem 1.822 metros. É possível ver a montanha de
 - 2 **Forno Grande** (2.081m, em Castelo), o Pico dos
 - 3 **Três Pontões** (1.112m em Afonso Cláudio), e o
 - 4 **Pico do Garrafão** (1.462m, em S. Maria de Jetibá). Também é possível avistar o
 - 5 **Pico da Bandeira**, o terceiro maior do país

O caminho em S. J. de Barcelos é paralelo à descida do Rio Barcelos (que desemboca no Rio Jucu).

Genildo/A Gazeta/Ed. de Arte